

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO
Centro de estudos Filosóficos e Teológicos
Curso de Filosofia

Adenilton Reis Pereira Mendes

**EDITH STEIN E A BUSCA PELO SENTIDO SER:
O itinerário da Existência rumo ao Ser Eterno**

Belo Horizonte
2013

Adenilton Reis Pereira Mendes

**EDITH STEIN E A BUSCA PELO SENTIDO SER:
O itinerário da Existência rumo ao Ser Eterno**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Leonardo Lucas Pereira

Belo Horizonte

2013

M538e

Mendes, Adenilton Reis Pereira

Edith Stein e a busca pelo sentido ser: o itinerário da existência rumo ao Ser Eterno. / Adenilton Reis Pereira Mendes. Belo Horizonte, 2013.

34 f.

Orientador: Leonardo Lucas Pereira

Monografia (graduação) - Instituto Santo Tomás de Aquino, Curso de Teologia, 2013.

1. Edith Stein. 2. Angústia. 3. Existência. 4. Ser finito.
5. Ser eterno. 6. Sentido. I. Pereira, Leonardo Lucas.
II. Instituto Santo Tomás de Aquino. III. Título

CDU: 141.32

Adenilton Reis Pereira Mendes

**EDITH STEIN E A BUSCA PELO SENTIDO SER:
O itinerário da Existência rumo ao Ser Eterno**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Leonardo Lucas Pereira – (Orientador) ISTA

Belo Horizonte, 01 de novembro de 2013.

*A pergunta deve tornar o coração de nosso Ser inquieto e reflexivo,
para assim descobrir nossa própria vocação e o sentido único
de nossa existência.*

(Adenilton Reis Pereira Mendes)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus.

Ao meu orientador, professor e confrade Frei Leonardo Lucas Pereira, que tornou possível a realização deste trabalho.

À minha família que me proporcionou as minhas primeiras experiências religiosas.

Aos frades franciscanos e a Província Santa Cruz pela convivência e pela oportunidade de cursar Filosofia.

A todos os professores que me incentivaram o cultivo e o amor à sabedoria.

Aos amigos e colegas do curso de Filosofia com quem partilhei um pouco das minhas experiências de vida durante estes três anos.

Aos Freis José Roney, Frei Bruno Rocha, Frei Fernando Alves e Frei Agmar Roberto que fazem parte de uma caminhada vocacional e acadêmica durante o curso de Filosofia.

A todos os Frades da Fraternidade Santa Maria dos Anjos, aos quais sou eternamente grato pela convivência fraterna e amiga durante estes anos de caminhada.

E por fim agradeço ao amigo e irmão Adriano Cesar que me incentivou e inspirou a pesquisar a vida de Edith Stein.

Se trata de una unión de amor: Dios es el amor y la participación Del ser divino, que es la garantiza la unión, debe ser una participación del amor. Dios es la plenitud del amor... Lo que permite de nuevo comprender que Dios pudo haberse creado en cada alma humana una morada propia a fin de que la plenitud del amor divino encuentre en la multiplicidad de las almas, diferentes por su naturaleza, un espacio más amplio para su participación.

Edith Stein

RESUMO

O presente estudo visa à exposição da vida, bem como da proposta filosófico-cristã da monja carmelita e doutora Edith Stein (1891-1942). Para tal, recorreremos a uma de suas principais obras: *Ser finito e Ser eterno*, na qual ela empreende uma investigação filosófica sobre o sentido do ser. Perante os questionamentos existências em que vive o ser, a autora apresenta uma nova proposta, contrária a Heidegger, mostrando que o ser não é unicamente para a morte e sim para o encontro com ser eterno e criador do ser finito. A abertura vivida pelo ser finito faz com descubra a possibilidade de sua existência e a fundamentação para afirmação do seu ser. Nesta abertura, Stein apresenta uma filosofia da vida ou filosofia cristã, onde o manifestar-se de Deus é possível; onde o ser busca em uma experiência mística e o conforto para o sentido de sua vida. Edith Stein nos brinda com um pensamento inovador, com fundamentação filosófica, teológica, fenomenologia e cristã.

Palavras-chave: Edith Stein. Angústia. Existência. Ser finito. Ser eterno. Sentido.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo la exposición de la vida, así como la propuesta filosófica y cristiana del Carmelita la Doctora Edith Stein (1891-1942). Para eso, nos dirigimos a una de sus obras más importantes: Ser finito y Ser eterno, en que se lleva a cabo una investigación filosófica sobre el sentido del ser. Teniendo en cuenta las preguntas que el ser vive, la autora presenta una nueva propuesta, contraria a Heidegger, muestra que el ser no es sólo para la muerte, pero para ser una unión con el ser eterno, y creador del ser finito. La apertura experimentada por ser finito hace descubrir la posibilidad de su existencia y el fundamento de su pretensión de ser. Con esta apertura, Stein presenta una filosofía de la vida o de la filosofía cristiana, donde es posible la manifestación de Dios, donde la búsqueda es en una experiencia mística y una comodidad para el sentido de la vida. Edith Stein nos ofrece ideas innovadoras con un pensamiento filosófico, teológico, fenomenológico y cristiano.

Palabras-clave: Edith Stein. La angustia. La existencia. El Ser finito. Ser eterno. Sentido.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 EDITH STEIN: UMA VIDA EM BUSCA DE SENTIDO.....	11
2.1 STEIN, UMA MULHER DE SEU TEMPO.....	11
2.2 O SENTIDO DE ANGÚSTIA.....	15
2.3 O SENTIDO NA VIDA DE EDITH STEIN.....	17
3“SER FINITO Y SER ETERNO”: A ATUALIDADE DE UM PENSAMENTO.....	22
3.1 A INVESTIGAÇÃO SOBRE O PROBLEMA DO SER.....	22
3.2 SER FINITO E O SER ETERNO.....	24
3.3 O SENTIDO E O FUNDAMENTO DO SER.....	27
4 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Em meio à grande complexidade que forma o homem, esse se torna um ser inquieto, reflexivo na busca pela significação de sua existência no mundo. Inicia-se um processo de questionamentos que o leva a refletir sobre seu existir e ser no mundo. Algumas perguntas surgem e se tornam relevantes nesse intrigante questionamento existencial: Quem sou eu? O que ser? Ou, Qual o sentido e o objetivo do eu- ser?

A inquietação e a busca pelo sentido se tornam a motivação principal na vida do ser em sua busca de significação da realidade e de seu existir no mundo. O vazio existencial, o medo e a tristeza foram fenômenos vividos e bem difundidos historicamente nos séculos XIX e XX. Toda esta vivência em meio à realidade, tanto nos avanços tecnológicos, conquistas da civilização e reviravoltas em relação ao poder, geraram inúmeras inquietações. O homem contemporâneo vive a forte sensação caracterizada como "abafamento", insegurança, falta de humor, ressentimento e dor, como frutos principais da angústia.

Diante da ausência de sentido, o homem percebeu sua incapacidade de construir algo que abarcasse de forma total sua existência. Mesmo diante dessa situação caótica na qual a existência do ser humano no mundo perdeu seu referencial, seu sentido, surgem pessoas que, sondando a mais profunda significação do ser, apontam luzes para uma nova saída do homem imerso nas trevas da “*anomia*” (estado de falta de objetivos e perda de identidade). Pode-se destacar um pensamento inovador, onde Edith Stein; uma filósofa e teóloga alemã, que nos revela grande originalidade em seu pensamento.

Edith Stein foge dos padrões filosóficos de seu tempo ao colocar a vida do ser humano como algo inacabado imerso em uma busca. Sua originalidade consiste na visão que o ser humano, por ser finito, encontra sua completude em um ser maior, um ser eterno (Deus), contrapondo-se aos princípios judaicos, em que o ser finito jamais se encontra com o ser finito.

Para compreendermos seu pensamento e esta busca pelo sentido do ser, as páginas seguintes desta pesquisa, apresentam dois capítulos, sendo que no primeiro: **Edith Stein**: uma busca de sentido, abordando sua biografia, o sentimento de angústia e o sentido encontrado pela autora. No segundo capítulo; abordaremos: “**Ser finito y ser eterno**”: a atualidade de um pensamento, uma de suas grandes obras filosóficas, abordando o significado de ser finito y ser eterno e o sentido e fundamento do ser.

E por fim, apresentaremos algumas considerações finais e as referências bibliográficas usadas nesta pesquisa

2 EDITH STEIN: UMA VIDA EM BUSCA DE SENTIDO

Edith Stein é considerada uma filósofa de grande estirpe, e que por sua vez, foge dos padrões emergentes de sua época. No entanto, não é muito conhecida no âmbito Acadêmico. Para uma melhor compreensão de sua trajetória, consideremos o pressuposto filosófico de Marx, no qual o autor destaca o ser humano como sendo fruto de sua realidade social. Por isso, é de suma importância que se contextualize o período em que viveu Edith Stein, exatamente para entender a construção de seu pensamento e reflexão perante as exigências de seu tempo.

Para introduzir seu pensamento se requer realizar a análise de alguns aspectos históricos mais importantes que marcam o século em que viveu. Para tal apresentação, dividimos este capítulo em três partes, abordando sua biografia; o contexto histórico da época; e por fim, uma menção a angústia de sentido vivenciada por Edith Stein, sentimento este que, ao longo de toda a sua vida praticamente, sempre a projetou para uma constante busca de sentido existencial.

2.1 STEIN, UMA MULHER DE SEU TEMPO

O período que compreende os séculos XVI, XVII, XVIII foi marcado por gigantescas transformações na vida do ser humano, a começar pela ruptura entre fé e razão. O ‘Ser’ (consciência-subjetividade) se determina com autonomia e princípio último de toda racionalidade.

Trata-se de uma época marcada por grandes avanços no mercado mundial com o advento do capitalismo, bem como pelas descobertas científicas que influenciaram diretamente o surgimento de uma nova cosmovisão (astronomia, física, tecnologia, dentre outras), e ainda, pelas reformas religiosas que neste período foram empreendidas.

Com os avanços no mundo contemporâneo também nos deparamos com a explosão do comércio e a afirmação do capitalismo como economia de Estado. Ademais, tal período foi marcado por descobertas notáveis no campo tecnológico, sendo estas: a eletricidade substituindo o vapor, a produção em larga escala, dentre outros progressos técnicos. Todo esse avanço político e econômico empreendido pela Alemanha, por conseguinte, desencadeará duas grandes guerras mundiais (1914/19 e 1939/45).

No ano de 1870, a Alemanha, após conseguir a sua unificação, introduziu a industrialização num processo extremamente rápido e comandado pelo Estado e se transforma

em uma nação forte e bem estruturada, que no decorrer dos anos provocará grande preocupação para os demais Países da Europa, tais como: Holanda, Inglaterra, Polônia entre outros.

Neste contexto histórico-social Alemão, na cidade de Breslau (atual Polônia), nasce Edith Teresa Hedwig Stein: “Yo, Edith Stein, nascí el 12 de octubre de 1891 em Breslau. Fueron mis padres el ya difunto Siegfried Stein, comerciante, y su mujer Augusta (Courant de Soltera). Soy prusiana y judía.” (NEYER, 1987, p. 9).

Os pais de Stein (Siegfried Stein e Augusta) tiveram onze filhos, mas somente sete sobreviveram. A família vivia de uma espiritualidade judaica e tiravam do comércio o seu sustento (madeireiras). Pouco tempo depois de seu nascimento, Edith perdeu o pai, e sua mãe ficou responsável pela empresa e pelo cuidado dos filhos.

Edith era considerada uma menina prodígio no jardim de infância, sendo o destaque na sala de aula. Embora esta experiência não a tenha agradado muito, com o passar dos anos, tal experiência “negativa” do colégio fora superada, o que trouxe um novo ânimo para que ela continuasse a estudar em 12 de outubro de 1897.

Por volta dos quatorze anos surgem algumas inquietudes e questões existenciais, fazendo com que Stein abandone os estudos. Sua irmã mais velha, que passava por problemas conjugais, convida a jovem Edith para morar com ela na cidade de Hamburg, lugar que, de certo modo, fez uma reviravolta em sua vida e em seus sonhos. Tornou-se ela uma pessoa mais madura e convicta de seus objetivos e metas.

A mudança de ares durou dois anos, depois, retornou para casa e voltou a estudar, agora, com aulas particulares. Em 1911, a Jovem Edith termina seu segundo grau no Colégio Liceu Vitória, após três anos de estudo.

A senhora Augusta, mãe da jovem Stein percebia que sua filha não tinha mais uma vivência de fé; deixando de lado as orações e princípios da religião judaica, declarando-se atéia. Porém, ao mesmo tempo, Edith considerava-se uma jovem privilegiada, dona de uma consciência esclarecida, tanto que procurava participar assiduamente de movimentos estudantis, associações sociais e reuniões da sociedade.

Tensión permanente de todas las fuerzas despertaba en mí la placentera sensación de una vida profunda; tenía conciencia de ser una criatura rica y privilegiada. De esta suerte vivía la ingenua ilusión de tener siempre razón... (NEYER, 1987, p. 16).

No ano de 1911, Edith matriculou-se na faculdade de Filosofia, contra a vontade de sua mãe, indo estudar na Universidade de Breslau, sendo a única mulher na sala de aula. Buscava a verdade, e claro, respostas para seus questionamentos e anseios. Frequentava todos os cursos que lhe despertavam maior interesse, mas como especialização, acabou por escolher a germanística, história e psicologia.

Todo meu estudo de psicologia só me serviu para reconhecer que esta ciência se encontra ainda em faixas, faltando-lhe a base de conceitos fundamentais claros e para persuadir-me de que esta ciência não é capaz de formar-se sozinha. (GARCIA, 1987, p. 35).

Durante o quarto período de psicologia, Stein ouviu comentários sobre o professor Edmund Husserl. Mais tarde, ela teve acesso ao 2º volume das *Investigações Lógicas de Husserl*. O método utilizado por Husserl (a fenomenologia) não compreendia a filosofia como um conteúdo em si mesma, isto é, aceitava o objeto independentemente, todavia, indo para além do puro objeto material, para assim estabelecer o que ele se mostra, a saber, em suas aparências (fenômenos).

A fenomenologia proposta por Husserl compreende o mundo não como um conjunto de objetos que existem em si mesmos, mas como realidade que só existe na medida em que aparecem na relação com um sujeito. O ser do fenômeno é o seu próprio aparecer, resultando que, não se faria necessária alguma espécie de essência fora dele para sustentá-lo.

Husserl, com a fenomenologia, não se interessa pelos fenômenos particulares, mas sim por estruturas universais do aparecer, estas que estão sustentadas por conceitos, tais como fenômenos, consciência e intencionalidade. Para a abordagem fenomenológica, o sujeito transcendental é o sujeito cognoscente por excelência, pois ele não tem como objeto o mundo concreto, tampouco suas relações com as ciências deste mundo. Na verdade, ele é capaz de analisar o próprio fundamento da consciência na sua estrutura formal, elevando-se ao nível de sujeito filosófico.

Tomar conhecimento da fenomenologia, ou melhor, da pessoa do próprio filósofo Edmund Husserl, fez com que Edith Stein se transferisse para Gottinga, ingressando no grupo de estudo de seu mestre que, a propósito, mais tarde, viria a ser seu orientador em sua tese de doutorado em 1916, que tratava do *Problema da Empatia*.

Querida e velha Gottinga! Creio que somente quem lá estudou na época do florescimento da escola de fenomenologia – de 1905 a 1914- pode calcular tudo o que vibra neste nome. Eu tinha vinte anos e estava cheia de expectativa por tudo o que aconteceria. (...) Depois de ter contado tantas coisas secundárias, eis finalmente

o motivo principal de minha vinda a Gottinga: a fenomenologia e os fenomenólogos. (GARCIA, 1987, p. 39-40).

Esta nova fase de sua vida fez com que percebesse as suas próprias limitações e defeitos, encontrando-se em uma crise de sua idade e de seu meio social, que não mais lhe permitia sentir-se segura em seu ateísmo.

O tempo mais difícil enfrentando por Edith foi o inverno de 1913 a 1914, período de grandes inquietações e dúvidas; concomitante à elaboração de sua tese de doutorado, pois ao mesmo tempo em que se dedicava a elaboração de sua tese de doutorado: “seguía trabajando en una autentica desesperación... Era incapaz de ir por la calle sin desear que un coche me atropellase y me matase.” (NEYER, 1987, p. 22).

Os questionamentos vividos estavam carregados de desolação; Edith não conseguia extrair sentidos para viver, e no âmbito da fé (Judia), que seria um desses meios, ela já não mais acreditava e nem vivenciava. Assim, neste período de grandes questionamentos e dúvidas, restava-lhe, tão somente recorrer à filosofia para buscar a verdade, bem como a resposta para seus anseios.

Stein padecia de um vazio existencial que lhe corroia a “alma”, partia-lhe o coração e inquietava o seu entendimento. Ela almejava respostas para os seus questionamentos que, dia após dia faziam se multiplicar, quase que reduzindo o seu existir no mundo tão somente a uma incessante busca por sentido, uma vez que, o que mais lhe afligia era exatamente a angústia de ainda não haver encontrado a verdade e a realidade que ela pressentia existir, como algo “absoluto”, este que projetava-se para além de uma verdade material e imediata oferecida em seu tempo¹.

2.2 O SENTIDO DE ANGÚSTIA

“Para que viver”? “O que Ser”? “Quem determina se devo viver e como viver”? Questões como estas, transitam o tempo todo em nossas vidas, e de certo, não fora diferente com tantos homens e mulheres de outrora, fossem eles simples, sofisticados, ricos, pobres, religiosos ou filósofos. A pergunta pelo sentido é como que um carma constitutivo do humano, um pensamento que aflige, provocando uma angústia que, muitas vezes, não sabemos explicar.

¹ Em última instância, Edith buscava uma transcendência que nem a religião judaica, tampouco a filosofia puderam oferecê-la.

Toda impossibilidade humana oculta uma inquietude profunda que oprime o seu coração, uma ameaça de insucesso, fracasso, que o leva a uma angústia mortal. Um sentimento pessoal, onde o ser perde a liberdade caindo em decadência, desviando de seu ser, provocando um sentimento de vazio e inquietude.

Aflições, desgosto e insatisfações são sentimentos que afligem o ser em sua vida, e nada mais lhe causa prazer em viver. O ser não consegue dar continuidade a sua história pessoal, e todo sentido lhe é tirado, surgindo então uma grande crise de existência e vazio de ser para o nada.

A existência para o ser é um declínio, que o enfraquece e que retira do indivíduo todo o impulso para viver e para a construção de seus projetos e sentidos. A ausência de ser no mundo isola seu pensamento para um ser vazio de possibilidades, um ser que encontra seu destino na finalidade de ser nada, entregue ao sentimento de angústia.

A angústia é o sentimento do nada, do vazio, que ao mesmo tempo representa a capacidade humana de adentrar no íntimo de seu ser, tomando consciência de sua existência. O ser se encontra aberto e disponível para possibilidades de tornar-se algo; o que, por sua vez, acaba lhe causando uma sensação angustiante, uma disposição e abertura, estando disposto e aberto à realidade. O ser se encontra em meio a várias possibilidades, dentre elas, uma mistura de sensações de ansiedade, escolhas e impulsos para viver.

No meio das escolhas nos deparamos com a liberdade de fazer algo, mesmo que seja a escolha mais absurda. Porém, o ser se depara com o sentimento da angústia, que em Kierkegaard, é um estado em que o ser humano se encontra em uma inquietude provocada pelo pressentimento do pecado, que está ligada ao sentimento de sua liberdade.

A angústia pode ser comparada à vertigem. Quando o olhar imerge em um abismo, existe uma vertigem que nos chega tanto do olhar como do abismo, visto que nos seria impossível deixar de encará-lo. Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobra. (KIERKEGAARD, 2007, p. 74).

“Esta vertigem de liberdade” para Kierkegaard, também é um modo do ser ter a salvação-resposta; pois ao tomar consciência da angústia que o aflige, o ser encontra também o seu potencial. Algo que seria somente causa de condenação pode se tornar também o caminho para o reconhecimento de sua potencialidade e realização da identidade e liberdade de cada ser.

No sentimento de angústia é que o ser se dá conta de sua finitude e passa a compreender sua incompletude, dando abertura para pensar sua existência, saindo da decadência e imergindo na intimidade de seu ser. Em meio às causas da angústia o ser descobre sua situação limite, percebendo que seus projetos não lhe satisfazem e lhe causa “um vazio de sentido”.

As impossibilidades dos projetos deixam o indivíduo perante o “Dasein”, que para Heidegger, após tantas realizações em vida, descobre-se enquanto Ser-para-morte. O sentimento que esta angústia provoca no indivíduo, deixa-o sem perspectivas para viver e projetar o futuro, pois nada mais lhe satisfaz e completa. Ele vê a impossibilidades de todas as possibilidades de sua vida. O mundo para o ser é a solidão, ele se encontra fora de seu lugar, deparando-se com a decadência de suas realizações e da sua existência.

A angústia faz desmoronar o ente disponível que ocupa o mundo envolvente e, em geral, qualquer ente intra-mundano. O <<mundo>> não pode oferecer mais nada, como mais nada pode oferecer a coexistência de outrem. A angústia retira, pois, ao ser-aí toda possibilidade de se compreender, como o faz, na sua decaída, a partir do <<mundo>> e da explicitação publicamente estabelecida. Ela repele o ser-aí para aquilo por ele se angústia, para o seu saber-se-no-mundo autêntico. (TROTIGNON, 1990, p. 70).

O ser é convidado a descobrir o *sentido-objetivo*, para questões que lhe causam a angústia e o vazio existencial, fazendo com que busque formas e soluções para abandonar essa situação angustiante que faz com que o ser busque o sentido para viver. Tanto Kierkegaard quanto Heidegger, vêm na angústia a disposição para a vida.

Percebemos que, paradoxalmente, a angústia abre caminhos para o ser sair da decadência de sua existência, para assim apropriar de seu ser. Ela é uma abertura que permite ao ser interpretar a si mesmo, fazê-lo não mais a partir do mundo que lhe envolve e o intitula; descobrindo respostas para tanta desolação, abrindo um novo horizonte para descobrir o sentido para viver e de ser no mundo.

Todavia, o ser como uma essência que busca, descobre a capacidade de transcender e função de um sentido para sua existência. As impossibilidades que pairavam no sentimento de angústia se tornam para o ser um aspecto positivo, que o impulsiona a viver e a descobrir a liberdade e possibilidades de escolhas e de projetos a serem vividos.

2.3 O SENTIDO NA VIDA DE EDITH STEIN

O fato inegável é que meu ser é passageiro, de momento para momento prorrogado e entregue à possibilidade do não-ser. Tal fato corresponde à outra inegável verdade, que sou, apesar da fugacidade, e de momento para momento sou mantido no ser e percebo no meu ser fugaz um ser que permanece. Sei-me sustentada e por isso tenho a serenidade e a segurança- não a segurança autoconsciente do varão, que está em chão firme por força própria, mas a doce e feliz segurança de uma criança, que é carregada por um braço forte, uma segurança, objetivamente falando, não menos racional. Ou seria “racional” a criança que vivesse permanentemente angustiada, cuja mãe pudesse deixá-la cair? (STEIN, 1996, p. 44).

O modo de ser da subjetividade é a liberdade. O ser humano é um ser livre para escolher o que será de sua vida. Ninguém pode colocar-se no lugar de ninguém, somos seres subjetivos, únicos. A existência humana é a possibilidade da liberdade e escolhas para nossa existência.

Edith viu em suas angústias a possibilidade perante a liberdade para fazer escolhas. No verão de 1914, entre rivalidades e brigas comerciais e de poderes entre as potências europeias, eclode a primeira guerra mundial; e Stein resolve realizar-se ao se sentir convocada, ingressando assim na Cruz Vermelha como voluntária, deixando inacabada sua tese.

Mas sua estadia como voluntária no hospital não durou muito tempo, devido ao grande número de voluntários. Ao retornar para casa, continua seus estudos e sua tese, um período de grande leitura e discussões, tanto, com Husserl, seu mestre, como com seus colegas, para assim apresentar sua tese de doutorado em três de agosto de 1916, perante uma exigente bancada de examinadores formada por professores da universidade de Albert-Ludwigs de Freiburg. Concederam-lhe a maior classificação: “*summa cum laude*”.

Entre os anos de 1916 a 1918, acontecem grandes mudanças na vida da jovem doutora, um período de buscas e de encontros. Isso se deu devido ao grande contato estabelecido com filósofos e amigos de fé protestantes, como era o caso de Husserl, bem como Max Scheler, de fé católica, além de seu grande amigo, o doutor Adolfo Reinach, protestante fervoroso, juntamente com sua esposa. Importante ressaltar que, estes contatos, de certa maneira, acabaram contribuindo para abalar o seu ateísmo.

A mudança de vida e o pensamento cristão surgem na vida de Stein no contexto da primeira guerra mundial, onde seu grande amigo Doutor Reinach havia sido morto em batalha, e sua esposa Paulina lhe tinha confiado a tarefa de reordenar as obras ainda não publicadas do marido.

Este foi para a Filósofa o primeiro contato com a cruz, pois, ao esperar encontrar sua amiga desamparada pela morte do esposo, surpreendeu-se sobremaneira ao vê-la confiante e esperançosa na experiência da ressurreição do esposo com Cristo. Mais tarde a própria Edith Stein escreve:

Foi aquele o meu primeiro encontro com a cruz, a minha primeira experiência da força divina que emanava da cruz e se comunicava àqueles que a abraçam. Pela primeira vez foi-me dado contemplar, em toda sua luminosa realidade, a igreja nascida da Paixão salvífica de Cristo em sua vitória sobre o aguilhão da morte. Naquele momento, minha incredulidade desmoronou. Esvaiu-se o judaísmo e Cristo levantou-se radiante diante do meu olhar. Cristo mistério salvífico de sua cruz. (FABRETTI, 1995, p. 36).

O mistério da cruz é vivido como salvação e não como sinal de tristeza e lamentação, pois se encontra na confiança no mistério da salvação, que ultrapassa a morte em si, como simplesmente sinal de morte, “O sentido cristão da morte é revelado à luz do mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo, em quem pomos a nossa única esperança. O cristão que morre em Cristo Jesus abandona este corpo para ir morar junto do Senhor”, como diz o próprio Catecismo da Igreja Católica.

Durante suas férias no verão de 1921, Edith hospedou-se na casa de Conrad-Martius, um casal protestante que morava em Bergzabern, no interior da Alemanha. Stein. Como se dedicava à prática da leitura e tendo ao seu dispor uma grande e equipada Biblioteca, depara-se com um livro² que lhe chama a atenção: *A vida de santa Teresa D’Ávila*. A filósofa passou a noite inteira debruçada sobre o livro dedicando-se a leitura do mesmo. Havia ela chegado a uma importante conclusão: aquele livro continha a verdade que ela tanto almejava em sua vida, a saber, o Deus que Santa Teresa D’Ávila tinha vivido. “Comecei a leitura e fiquei de tal modo presa que não a interrompi até que cheguei ao fim do livro. Quando o fechei tive de confessar a mim mesma: ‘Esta é a verdade!’.” (STEIN, 1987, p. 53).

A experiência religiosa feita através da leitura da vida de Teresa D’Ávila fez com que Stein almeja se o batismo cristão, realizado no dia 1º de janeiro de 1922, tendo como madrinha Edwig Conrad Martius, recebendo um novo nome: Teresa Edwiges.

Stein, agora uma cristã assídua, passou a aprofundar no conhecimento dos grandes filósofos cristãos, tais como Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, sendo chamada a realizar palestras e conferências relatando sua experiência. No ano de 1923, Edith tornou-se professora na escola de moças das Irmãs Dominicanas em Speyer, passando também a

² No verão de 1921, Edith Stein absorveu do livro “A vida de La mística y doctora Teresa de Avila” (autor desconhecido).

ministrar conferencias entre elas: *A mulher e sua missão segundo a ordem da natureza e da graça*, revelando a situação em que a mulher vivia na sociedade, convidando as mulheres para sua missão na Igreja, na sociedade, no lar e na vida profissional, reivindicando seus direitos e dignidade.

Os discursos de Edith eram reconhecidos por grandes jornais como Heidelberg Boten que assim declarou: “Quando lemos seus profundos trabalhos filosóficos, ficamos persuadidos de que esta mulher fará algo de realmente importante pela Alemanha católica.” (STEIN, 1987, p. 69). Suas conferências persuadiam a todos, pois não estavam ligadas a movimentos feministas, mas sim, a questão da essência do Eu, que abordava muitos campos da ciência tais como; antropologia, psicologia, pedagogia, dentre outros.

Durante esse movimento intelectual, Teresa traduziu o “*De verita*” de Santo Tomás de Aquino, e dedicou um ensaio ao mestre, visto que ele celebrava seu septuagésimo aniversário. A obra intitulada “A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino”, intercalava os valores do Santo na Filosofia Medieval e a Fenomenologia de seu predileto mestre.

A atividade intelectual da Doutora não perdurou por muito tempo devido ao triunfo de Adolf Hitler em 1933. O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, também conhecido como Partido Nazi (nazista) surgiu em 1920 e se tornou uma oposição aos sociais-democratas, sendo que mais tarde, o partido veio a tornar Hitler um ditador alemão. A primeira medida tomada pelo partido foi a exclusão dos não-arianos dos empregos públicos; sendo assim Edith Stein, no dia 25 de fevereiro de 1932, encerava sua carreira de docência.

Uma brilhante carreira deixada de lado pela opressão nazista, uma revolta, e ao mesmo tempo uma preocupação para com o seu povo, fez com que Edith escrevesse um documento ao Papa Pio XI, pedindo-lhe que escrevesse uma encíclica a favor de seus concidadãos. Naquele mesmo ano, Pio XI escreveu algo contra a ideologia Nazista, *Mitbrennender Sorge*³, o que de certa forma, evidencia que o Sumo Pontífice levou em consideração as palavras dessa grande mulher.

Desta forma, deixando a vida de estudo e relembrando a leitura de Teresa D’Ávila, Stein ingressa no Convento Carmelitano de Colônia no dia 14 de outubro de 1933. Dentro do Carmelo, procurava se adequar ao novo estilo de vida: viver com humildade e simplicidade para assim não deixar transparecer seu conhecimento intelectual, cultural e também, sua fama de conferencista. No ano de 1936, na festa da Exaltação da Santa Cruz em 14 de setembro,

³ Tradução: *Com profunda preocupação*

Stein renova seus votos na Ordem do Carmelo e perde sua mãe, Augusta Stein, que falece no mesmo dia.

No ano de 1938, Husserl, considerado o pai da fenomenologia, escreve a Edith Stein: “Pode-se querer bem pessoalmente mesmo quando se é separado na concepção filosófica como nos queremos bem Edith e eu! Ela conheceu suficientemente o límpido, equilibrado e sistemático pensamento da escolástica. Como em Santa Teresa não se encontra nada disso?” (STEIN, 1987, p. 89). Neste mesmo ano, sua discípula dileta professa os votos perpétuos, escolhendo para si o nome de Irmã Tereza Benedita da Cruz, recebendo o hábito Carmelita. Em resposta à carta de seu mestre, ela escreve:

O complemento pleno a que tende a filosofia enquanto procura da sabedoria (verdade) é a sabedoria divina, a visão simples que abrange o próprio Deus e tudo o que é criado, certamente não por esforço próprio – é a visão beatífica que Deus lhe oferece, unindo-se a ele. O espírito criado adquire uma participação do conhecimento divino ao viver a vida divina. A maior aproximação deste fim supremo é a visão mística (...). (STEIN, 1987, p. 89).

A vida no Carmelo também contribui muito para a Irmã Teresa, visto que recebeu a autorização da madre para retornar aos estudos e aos escritos de Filosofia. No ano de 1941, a pedido de sua superiora, escreve o livro “A ciência da Cruz”⁴, já que a comunidade Carmelita celebrava o IV centenário do nascimento de São João da Cruz; uma obra que ficou inacabada. Outra grande obra escrita por Stein, foi “Ser finito e Ser Eterno”⁵, um trabalho começado dentro do convento e de maior cunho filosófico.

Embora a vida no convento lhe houvesse trago alegrias, como por exemplo, a conversão e o ingresso de sua irmã Rosa no Carmelo, como irmã leiga, que servia à portaria do convento em Echt, este lugar nunca foi para ela uma fuga do mundo, mesmo porque, ela ainda se preocupava com a situação do povo Judeu na Alemanha, que se tornava cada vez mais alarmante e crítica. A superiora de Edith, consciente do perigo, depois do episódio das famosas “Leis de Nuremberg”⁶ e da “Noite dos Cristais”⁷, devido aos fatos citados, transfere Stein para o Carmelo de Echt na Holanda no dia 31 de dezembro de 1938, onde já se encontrava sua irmã Rosa.

⁴ Último livro escrito, em 1941, e estava ainda redigindo as últimas páginas quando foi presa.

⁵ Contemplando a dissertação “Potência e ato”, ao qual obtivera a livre- Docência.

⁶ Textos adotados em 15 de setembro de 1935 em Nuremberga, que não admitia mais nenhum direito ao povo Judeu.

⁷ Episódio ocorrido no dia 9 de novembro de 1938, na Alemanha e na Áustria, onde sinagogas, loja e habitações Judias, foram destruídas por militantes do partido Nazi.

Com o início da Segunda Guerra em 1939 e a invasão da Holanda pelos alemães, Edith e sua irmã Rosa não se encontram mais seguras, mesmo guardando uma carta dos bispos holandeses condenando o nazismo. Uma vez mais, Stein se preparava para outra viagem junto com sua irmã; agora para um convento na Suíça. Esta viagem não chegou a ser realizada, pois, no dia 2 de agosto de 1942, dois oficiais da S.S.⁸ chegam ao convento de Echt na Holanda com ordem para levá-las.

Edith Stein foi levada para o campo de concentração em Westerbork, junto com sua irmã e tantos outros judeus. De lá, Stein escreve às irmãs do Carmelo:

Estou contente com tudo. A *scientia crucis* pode-se conquistar somente quando sentimos a cruz pesar com todo o seu fardo. Disto estava convencida desde o primeiro momento, e disse de coração: “*Ave crux, spes única*”. (FABRETTI, 1995, p. 69).

Por ser Judia e Católica Irmã Tereza Benedita da Cruz, ou melhor, Edith Stein, encontrou-se com a morte no dia 9 de agosto de 1942, na câmara de gás em Auschwitz-Birkenau.

A notícia de sua morte só foi anunciada no dia 16 de fevereiro de 1950, quando a Cruz Vermelha holandesa enviou uma breve notícia às irmãs do Carmelo; “O número 44074, Edith Theresia Hedwig Stein, nascida em 12 de outubro de 1891 em Breslau, de Echt, morreu em 9 de agosto de 1942.” (SCIADINI, 1999, p. 37).

Stein viveu em busca da verdade; uma busca por uma verdade que dá plenitude ao existir do homem e de seu ser, levando-a a um encontro com Deus: “Quem busca a verdade procura necessariamente a Deus, sabendo-o ou não”. (SCIADINI, 1999, p. 40). Verdade esta encontrada e revelada através de uma “Filosofia Cristã”, duma mescla entre pensadores como Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Husserl (com a filosofia moderna e a fenomenologia), contudo, sem deixar de lado as doutrinas de dois grandes místicos que influenciaram em sua busca: Teresa de Jesus e São João da Cruz, ensinamentos que, por sua vez, acabaram levando-a a suscitar uma de suas grandes obras filosóficas, senão a maior dentre elas: *Ser Finito e Ser Eterno*, que no segundo capítulo desse trabalho nos ajudará a descobrir o sentido do ser tão caro a Edith Stein.

⁸ SS - Serviço de Segurança do Governo Nazista Alemão, responsável pela perseguição dos judeus e pelos campos de concentração.

3 “SER FINITO Y SER ETERNO”: A ATUALIDADE DE UM PENSAMENTO

O livro “Ser Finito y Ser Eterno” trata da continuação de um projeto, ou melhor, um ensaio anterior que Edith Stein escreveu⁹. No ano de 1935, dentro do convento Carmelita, Stein recebe a autorização para continuar com suas investigações e estudos filosóficos. A dedicação aos estudos fez com que Edith utilizasse o ensaio inacabado; elaborando um novo livro onde expressasse a síntese de seu pensamento metafísico, que adentra nos caminhos de uma teologia mística-cristã.

A obra foi terminada no ano de 1936, pouco tempo antes que os nazistas a levassem para o campo de *Auschwitz*¹⁰, e só foi publicado em 1951, quinze anos depois de sua morte.

O título do livro brota de uma experiência do indivíduo com o divino, que claramente, apresenta uma novidade e uma grande contribuição para filosofia, que, busca interpretar e investigar a realidade.

Para compreendermos o seu pensamento e essa magnífica obra, pretende-se neste capítulo apresentar a investigação sobre o problema do ser, a concepção de Ser Finito e o Ser Eterno e o sentido e o fundamento do ser segundo a concepção da filosofia Cristã, caminho por meio do qual a própria autora nos leva a uma reflexão.

3.1 A INVESTIGAÇÃO SOBRE O PROBLEMA DO SER

O homem que vai à procura da verdade vive sobretudo no coração da sua investigação intelectual; se procura efetivamente a verdade como tal (e não simplesmente a colecionar algumas noções particulares), talvez ele esteja mais próximo de Deus, que é a própria verdade, e por conseguinte, no seu próprio íntimo, mais do que pode pensar. (SCIADINI, 2003, p. 44).

Desde a adolescência, a verdade é o tema que fascina Stein, sendo seu verdadeiro objeto de pesquisa. Sua obra *Ser Finito e Ser Eterno* é considerada como um encaminhamento para a verdade. (STEIN, 1996). O conhecimento de Deus, por meio da fenomenologia de Husserl e a Teologia de Santo Tomás de Aquino, é uma consolidação entre a teologia e a filosofia, onde reconciliam-se tradição católica e pensamento moderno.

Para Edith, tanto Husserl quanto Tomás possuem um autêntico espírito de filosofar, uma ciência rigorosa; de uma razão indagadora, serena e sóbria, indo contra a insinuação de um pensamento meramente voltado para a fantasias e sensibilidades do ser humano.

⁹ Este ensaio tinha o título: *Ato e potência*.

¹⁰ Campo nazista onde Edith e sua irmã falecerão.

Para Stein, a filosofia se preocupa somente com uma resposta, e para conseguir esta verdade devemos conquistá-la em passos, uma a uma. Para chegarmos a esta verdade, desenvolvendo um esclarecimento para o sentido do ser; temos que nos indagar e aprofundar e sempre questionar. O nosso contentamento deve sempre ser com uma resposta por vez, para que assim possa acontecer um movimento para encontrar a resolução para os pensamentos mais ousados e difíceis.

Hay un hecho esencial que es inherente a todo trabajo filosófico humano: La verdad es que debemos conquistar una atrás otra. Profundizar en una de ellas nos hará ver más lejos, y cuando descubramos un horizonte más vasto, percibiremos también desde nuestro punto de partida una nueva profundidad. (STEIN, 1996, p. 19).

A investigação sobre o sentido do ser é abordado pela autora em seu livro a partir do pensamento Tomista¹¹, contrapondo ao pensamento de Heidegger sobre a questão do sentido do ser, sendo que a autora destaca um apêndice em sua obra sobre a filosofia existencial de Heidegger. (STEIN, 1996, p. 162).

O primeiro grande ponto sobre a questão do ser é iniciada a partir do questionamento de Tomás de Aquino¹² “*Dios posee la potencia?*”. Dentro deste questionamento Edith propõe uma subdivisão: “*Aquí conviene establecer una distinción entre la potencia activa y la potencia pasiva*”(STEIN, 1996, p. 20), esta conclusão é fruto de uma reflexão em que a potência ativa e a potência passiva possuem entre si uma íntima concordância e relação. Stein busca descrever uma distinção clara sobre as duas potências do ser que também são chamadas de criatura e criador, ou ainda de Ser humano e Deus.

A autora afirma que o ato da criatura¹³ se diferencia do ato de criador. Este primeiro é uma ação que, ao mesmo tempo em que começa, termina, sendo assim uma potência passiva. No ato criador, Deus não tem principio nem fim, sendo um ato puro e que não necessita de uma potência prévia, pois: “La potencia de Dios es una, su acto es uno, y en él acto la potencia está eternamente actualizada.” (STEIN, 1996, p. 20).

A consistência deste pensamento é uma releitura do pensamento clássico da metafísica para um viés fenomenológico, um itinerário filosófico escrito de forma metodológica.

¹¹“O ser é o primeiro conhecido contém toda a metafísica de S. Tomás. No entanto, para lhe abarcar o sentido e o alcance, é preciso considerá-la não como um simples enunciado lógico, mas como a expressão de um acto. O enunciado só tem sentido pelo acto que o traduz. Esta interioridade do acto ao enunciado corresponde ao silêncio que anima do interior o discurso metafísico de S. Tomás”. (RASSAM, 1988, p.30.)

¹² “*las Questiones disputatae de potentia es la seguinte: ¿Dios posee la potencia?*” (STEIN, 1996, p. 19).

¹³ Esta distinção entre criatura e ato criador, será melhor explicada quando falarmos do ser finito e o ser eterno, título 3.2, deste capítulo.

Para se chegar a esta investigação, Edith apresenta duas maneiras, sendo que a primeira seria um retorno às doutrinas e escritos já existentes como Aristóteles, Heidegger, Tomás de Aquino e tantos outros em relação ao ser. O segundo prisma seria onde a intuição primeira sobre o sentido do ser se dá através da vivência, da investigação da realidade do sentido do ser através de si mesmo; onde o viver se torna ser.

3.2 SER FINITO E O SER ETERNO

A busca pelo sentido do Ser, desde sempre foi realizada por grandes pensadores no decorrer da história da Filosofia, (Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Heidegger...), seja no pensamento antigo, medieval, moderno ou contemporâneo. Contudo, com o passar dos anos, mesmo até os nossos dias, esta acabou por se tornar uma questão sem solução.

O que é o Ser? Esta questão desdobrou-se em grandes questionamentos metafísicos em busca de uma única resposta, com foco principal na existência e na essência da realidade em seus múltiplos aspectos; uma investigação de fundamentos, princípios e o Ser íntimo das coisas. Porém, na maioria das vezes, tal empreendimento não nos levou a uma resposta satisfatória.

Por isso, ao fazer o mesmo percurso investigativo, que outrora outros fizeram, Edith Stein recorreu ao pensamento de Tomás de Aquino que propõe linhas essenciais para a fundamentação para a doutrina do ser:

No interrumpió su trabajo en la Suma, sino hasta pocos meses antes de su muerte, cuando Dios le reveló para. Ya en esta obra de su juventud se dibuja un camino que sobrepasa, con mucho, al indicado por Aristóteles: en el interior del *ente (ens)*, se hace una distinción entre el *ser (ese)* y la *esencia (essentia)*. La separación de *ὄν* y de *οὐσία*, que había servido de punto de partida para Aristóteles, sólo se conservó para *el ser primero*. Con esta distinción concibe el ser en cuanto tal – separadamente de lo que *es* – abarcando el finito y el infinito, pero al mismo tiempo se ve el abismo que separa a éste de aquél. A partir de allí se abre un camino que permite entrever toda la *multiplicidad del ente*. (STEIN, 1996, p. 22).

Esta reflexão resulta em uma espécie de ruptura filosófica, entre o pensamento grego e o pensamento da idade média. Os gregos tentavam responder a este problema pelos fatos naturais, pelo mundo criado. Já os filósofos cristãos, por sua vez, ampliaram a compreensão para o mundo sobrenatural, para os fatos revelados.

No pensamento moderno, que se apresenta como algo novo e desprendido da tradição clássica da filosofia, insiste-se no problema do conhecimento em lugar do

problema do ser, em busca do ser verdadeiro; rompendo os laços até então existentes entre a fé e a teologia.

Stein defende que a filosofia moderna desconsidera a verdade revelada como forma para verificar o propósito e os seus resultados. Desta forma a Filosofia moderna vem eliminar a *luz natural da razão*, desmerecendo os trabalhos conquistados pela teologia, resolvendo suas questões através de seus próprios meios, tornando-se uma ciência atea.

No meio destas questões, surge uma divisão na filosofia, Edith a descreve em sua obra:

Por eso la filosofía se dividió en dos grupos que caminaban separadamente, hablan lenguas diferentes y no se cuidan ya de comprenderse mutuamente: a saber, la filosofía moderna y la filosofía escolástica católica, que si consideraba a sí misma como la *philosophia perennis*, pero que antes los ojos de las personas que eran extrañas no pasaba de ser la doctrina privada de las facultades católicas, de los seminarios y de los colegios religiosos. (STEIN, 1996, p. 23).

A filosofia católica era basicamente um sistema rígido, com um método voltado para a hereditariedade¹⁴ caindo em um vazio e se tornando cada vez mais uma ciência mecânica. A grande reviravolta da *philosophia perennis*, veio com a volta às fontes, pois esta já estava se tornando dependente da modernidade.

Este trajeto é como um caminho para poder entender uma possível junção entre as duas correntes, e assim, esclarecer a multiplicidade do ente, situá-lo entre a filosofia moderna do século XX e a filosofia *philosophia perennis* que Edith Stein nos propõe, para então encontrar respostas, conseguindo definir este ser em ser finito e ser eterno

Edith adentra no pensamento Tomista para conciliar as noções teológicas às noções filosóficas transcendentais. A citação abaixo refere-se a um ensaio da doutrina do ser, a partir da demonstração da totalidade do ente em uma sequência de graus, considerado por Tomás de Aquino.

1) *Las cosas materiales o compuestas* (compuestas de *materia* y de *forma*) son el mundo de los cuerpos, que encierra las cosas *inanimadas* y a todos los seres vivientes, incluyendo al hombre.

2) *Los espíritus puros o seres simples*. Aquí Aristóteles pensaba en los espíritus, por los cuales, según él, tienen movimiento los astros. Los pensadores de la edad media los consideraban ángeles. Tomás de Aquino llama a estos espíritus puros seres *simples*, puesto que los considera como formas *puras*. (La cuestión

¹⁴ Um conhecimento passado de geração em geração, mesmos conteúdos, sem novas fontes de pesquisas: como textos e descobertas.

de si alguna cosa material era necesaria para la composición de los *espíritus puros* era muy discutida en su tiempo.)

3) *El primer ente*: Dios. Todos coincidían en que el primer ente, la causa de todos los demás, es el ser absolutamente simple y puro. Al no admitir - como santo Tomás - una composición de materia y de forma para los espíritus creados, era necesario buscar otro medio para distinguir del primer ente. A este respecto, Tomás llega a la separación de *forma* y de *ser* para los espíritus creados. En ellos, forma equivale a *esencia (essentia)*. (STEIN, 1996, p. 49).

Esta totalidade de graus deriva em um método lógico e explicativo, onde Stein fórmula o problema da compreensão do ente, seguindo as vias de Santo Agostinho, que toma como ponto de partida a aproximação do ente, onde nós não podemos nos separar dele, pois se mostra como um *eu vivente*. A outra via que a autora toma é a de Aristóteles em que o ente é este que nos impõe o *mundo sensível*.

No meio destes pensadores, destaca-se a distinção entre o ser e o ente, o possível e o real, uma estrutura particular e com certas analogias de estrutura, onde o fundamento do real e do possível são verdadeiros em um ser essencial. Contudo: “Pero estos no permite establecer el sentido del ser y del ente en cuanto tal contenido en las diversas significaciones de ούσία, y que la determinan, y el ὄν, en cierta manera.” (STEIN, 1996, p. 294).

Stein procura provar a possibilidade de parentesco de significados entre estes dois termos que se separam, *ser* e o *ente*: “Todos nuestros esfuerzos por comprender esta palabra oscura ya nos han llevado a esta conclusión: la ούσία, se refiere al ente; ciertamente al ente, en la medida en que el sentido del ser se realiza en él, o al ente encuato ente, ὄν ἢ ὄν.” (STEIN, 1996, p. 294).

A identificação entre os dois se dá através do sentido objetivo do ser e do sentido do ser em si, que pertence e refere-se à essência da realidade. Desta maneira, podemos dizer com ela que a experiência do ente em modos de ser é o sentido do ser; onde os conceitos transcendentais mostram o ente enquanto aquilo que ele é, colocando uma afirmação sobre o ser, sendo assim uma relação que se funda no ser de um e no ser do outro, partindo assim para o sentido do ser.

Edith vem contrapor a ideia de Heidegger. Ele interpreta o ente como sentido de ser. O ser humano se coloca como um sujeito no mundo, mas sem fundamento, lançado dentro do tempo, sendo um ser sem destino, Seu único sentido é encontrado no Dasein; um ser simplesmente para a morte

Enquanto Heidegger acredita que o ser no mundo é ser finito, simplesmente lançado, entregue a sua própria sorte, tão somente um projeto, cuja realização última é a morte, *ser* -

para – morte; Stein apresenta uma nova concepção de ser finito em sua obra. O ser humano é a realização de uma criação; “Deus está essencialmente presente nas coisas criadas, mantendo-lhe a existência...” (STEIN, 1996, p. 139), um ser presente, cuja existência é conservada e realizada ao longo do tempo da história.

O ser finito vive uma vida vital que vai além de uma simples facticidade, mas é algo: “*plenamente vivo, es lo presente, lo vivido es lo pasado, lo que todavia no es vivo es futuro.*” (STEIN, 1996, p. 61), uma potencia que consiste no atual e o atual que constantemente volta à sua potencialidade.

A vida do ser finito não é algo acabado, mas um projeto em construção em busca de um aperfeiçoamento que tem seu auge com um movimento permanente, onde se encontra com o ser eterno: “*el ser supremo y el ser perfectamente verdadero que nosotros designamos por la palabra Dios.*” (STEIN, 1966, p. 45).

O ser eterno é revestido de ato e potencia, não tem um princípio nem um fim; “*Dios es um actus Purus*”. (STEIN, 1996, p. 58). Nele, os seres finitos são convidados a participarem de sua eternidade, tornando-se cada vez mais atuais. Embora eles não cheguem ao grau de ser eterno ou totalmente puro, é-lhes conferido o privilégio de participarem de sua extensão.

Todo o que existe es, en cuanto existe, una cosa según el modo del ser divino. Pero todo ser, a excepción del ser divino, contiene un poco de no-ser. Esta unión de ser y no ser tiene sus consecuencias en todo lo que es... El ser limitado es el ser puramente actual. Mientras más participa una creatura del ser, más grande es su actualidad. Siempre que un ser es, de lo que es, es actual, pero no lo es jamás eternamente. Puede ser más o menos actual y lo que es actual puede serlo en mayor o menor grado. La actualidad trae consigo entonces diferencias según su extensión y su grado. Lo que existe sin ser actual es potencial... (STEIN, 1996, p. 22).

O ser eterno não tem necessidade nenhuma do tempo, totalmente diferente do ser finito que é um ser temporal. O ser eterno é infinito, e sua infinitude vai além da temporalidade e da eternidade que possui um significado além da possibilidade de um fim no tempo; “*Lo llamamos de ser eterno. No tiene necesidad del tiempo, sino que es también el dueño del tiempo. El ser temporal es finito. El ser eterno es infinito.*” (STEIN, 1996, p. 78).

3.3 O SENTIDO E O FUNDAMENTO DO SER

Stein (1996, p. 342) no capítulo “*El sentido del ser*” de sua obra, nos apresenta os diferentes modos de ser: ser essencial, existencial, ser real e ser inteligível, com ponto de partida para a reflexão sobre o fundamento do ser. Edith recorre a Tomás de Aquino e a

Aristóteles, para demonstrar a relação existente entre ser finito e ser eterno: “*Se habla del ente em muchos sentidos, pero siempre es em relación com um término único y a una sola naturaleza [que pertence a todo ente em quanto tal]*”. (STEIN, 1996, p. 353).

Estes diferentes modos e seus significados não são prioridades para a autora que se preocupa com o significado de todo ser (finito):

El ser finito es el despliegue de un sentido; el ser esencial es un despliegue intemporal más allá de la oposición de la potencia y el acto; el ser real es un despliegue a partir de una forma esencial, de la potencia y el acto; en el tiempo y en el espacio. El ser inteligible es un despliegue en muchos sentido. (STEIN, 1996, p. 348).

Esta relação revela que o ente está relacionado intimamente com o ser primeiro, este que não é um fim ou uma causa eficiente.

Edith Stein procura descrever em sua obra uma investigação da consciência sobre o sentido da *vida-do-eu*, uma busca que não tem como objetivo primeiro a prova da existência de Deus, mas sim, perceber a sua manifestação em meio aos atributos, temporalidade, atualidade e potência.

No tópico anterior (STEIN, 1996, p. 16) demonstra que para se chegar a esta significação, não podemos recorrer somente às doutrinas passadas e nem tampouco a abstração metafísica para se chegar à busca do sentido do ser. Devemos considerar um conhecimento que passa pela ordem do próprio *vivido - ser*. Onde o ser, ao questionar sua existência, volta ao ponto de partida, e ao voltar ao seu ponto de partida se depara com uma única certeza: “*yo vivo yo existo*” (STEIN, 1996, p. 53) uma afirmação incontestável de sua existência é o ponto de partida para busca de sentido do ser.

Percebemos que na contemporaneidade o ser procura um caminho, tem anseio pela essência de sua existência, busca incessantemente um sentido. O ser que por sua vez é considerado como devir (que se encontra a caminho), está sempre em busca de respostas acerca de seu ser verdadeiro: “*Nuestro ser, que es un devenir, un paso permanente y que se presenta siempre como algo en camino hacia el ser verdadero, nos revela la idea del ser verdadero, del acto puro, perfecto y eternamente inmutable*”. (STEIN, 1996, p. 63).

Este caminho é realizado dentro de uma vivência e de uma unidade inseparável do ser, sendo sua própria vida. Este movimento revela ao mesmo tempo uma indecisão, fazendo com que o ser viva em uma perplexidade; transformando sua vivência sem realizações e significações.

Stein apresenta uma resposta para o sentido; este que é encontrado em Deus: “*Dios, el Eterno, el Increado y el Infinito, no crea nada absolutamente semejante a si mismo, puesto que no hay un segundo Eterno, Increado e Infinito.*”. Para ela, um ser absoluto seria o único capaz de abarcar o ser finito, completar-lhe, apresentar-se como o sentido único para sua existência; “*Dios es el ser que lo abarca y contiene todo y que em cuanto tal es único distinto de todo ser finito*”. (STEIN, 1996, p.364-366).

O ser finito para Edith Stein é uma unidade em essência e existência, onde Deus é o fundamento do ser. Para chegar a esta conclusão Stein, parte de uma reflexão real; uma filosofia da vida. O ponto central para conhecer este ser eterno é a via da fé. Deus se revela como o ente criador e conservador¹⁵.

Edith nos apresenta sua filosofia cristã, voltada para a existência: A fé cristã é o meio e sentido para existência do ser. O ser finito se encontra com o ser infinito, algo que não era claro para ela no judaísmo. Pois para o judaísmo a diferença entre o ser finito (humano) e ser eterno (Deus) não é relativa, é absoluta. É a diferença do finito para o infinito, uma relação que não é cabível para a existência do ser finito como ser eterno. Entre os dois seres, não há encontro e nem mesmo uma aproximação. Para o judaísmo existem caminhos contrários e paralelos entre os dois seres, sendo que o ser finito para o judeu é caminhar em uma eterna peregrinação, ser eternamente um povo errante. O seu encontro com o ser eterno é incabível.

A reflexão sobre o fundamento e o sentido do ser é fruto de uma filosofia cristã; onde a abertura da experiência de fé feita pelo ser humano se depara com Deus, proporcionando uma experiência mística que o conforta, dando-lhe um novo sentido para sua vida.

A vida de Edith Stein foi fruto de uma longa reflexão e questionamentos vividos, uma vida em busca do próprio sentido. Portanto, a vivência da fé como fonte para se chegar à verdade do ser eterno se destaca como: “caminho que atravessa a noite para conduzir à união com Deus, nela se realiza o doloroso renascimento do espírito, a sua transformação de ser natural em ser sobrenatural”. (SCIANDINI, 2003, p. 40).

Viktor Frankl (1991) descreve que podemos encontrar o sentido da vida da seguinte maneira: “é experimentando algo – como a bondade, a verdade e a beleza – experimentando a natureza e a cultura ou, ainda experimentando outro ser humano em sua originalidade única – amando-o.” (FRANKL, 1991, p.100).

Frankl (1991) descreve maneiras para se encontrar o sentido da vida, que afirmam e conciliam com o pensamento de Edith Stein, que não só o demonstrou em suas elucubrações,

¹⁵ Sua filosofia existencial tem como pressuposto a fé, é nisso que ela se diferencia de Heidegger.

mas, especialmente com a própria vida. Uma vida em busca de sentido, marcada pelo estudo, ateísmo, conversão; presenciando as atrocidades do nazismo, encontrando-se com o “Ser Eterno” (conversão ao catolicismo), tornando-se uma monja carmelita Tereza Benedita da Cruz, que mais tarde foi levada para morte na câmara de gás em Auschwitz a 9 de agosto de 1942, deparando-se com o fim de seu ser finito, mas ao mesmo tempo em que, encontrando o sentido de sua vida (Deus), que a tanto tempo desejava, o Ser Eterno.

4 CONCLUSÃO

A busca pelo sentido do ser resultou em grandes questões, questionamentos metafísicos em busca de respostas, com foco principal na existência e na essência da realidade em seus múltiplos aspectos; uma investigação de fundamentos, princípios e o ser íntimo das coisas.

Na contemporaneidade o ser procura um caminho, anseia pela essência de sua existência numa busca incessante pelo sentido. Uma questão existencial que se torna mais que uma exigência para a atualidade e ninguém melhor do que Edith Stein para apontar luzes para esta reflexão, uma filósofa que não é muito conhecida no campo acadêmico, mas que apresenta um pensamento inovador e que muito nos enriquece com uma originalidade fundamentada por grandes nomes da filosofia.

Uma mulher que não teve uma vida muito longa, no entanto, contribui de forma inovadora para o pensamento da época. Para Stein, o ser é convidado a descobrir o sentido-objetivo, para questões que lhe causam o vazio existencial e de sentido, fazendo com que descubra soluções para abandonar essa situação angustiante e busque repousar sua alma em Deus.

Como fenomenóloga, se destaca como uma das discípulas mais dedicadas e brilhantes de Edmund Husserl. Stein, tendo já feito um primeiro trabalho sobre o Ser como ato e potencia, apresenta agora o Ser finito (Ser humano) e o Ser eterno (Deus), um ensaio da ascensão ao sentido do ser.

As luzes para essa reflexão é abordado em sua obra “*Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*”, uma obra filosófica, aberta à dimensão espiritual e teológica.

A originalidade de Edith se destaca em vias contrárias ao pensamento de filósofos que descreviam o ser somente por uma visão metafísica. Com a Doutora, o olhar se volta para a fenomenologia, dando certa continuidade aos estudos de Husserl, e apresenta modos essenciais de aproximação ao sentido do ser, utilizando uma filosofia cheia de vida.

Edith Stein propõe que o ser humano (ser finito) é muito mais que um simples corpo governado por suas pulsões e tendências, tendo um único fim para sua existência – a morte. Para ela o ser finito é livre e possui um sentido para ser, um sentido para ser no mundo.

A abordagem apresentada por ela segue fora dos padrões de seu tempo, pois acredita que a vida do ser é como um projeto, algo inacabado, em busca de um aperfeiçoamento. Contudo cabe ao sujeito o encontro com o “Ser Eterno”: “Apesar de sua mobilidade livre-

para o íntimo de volta: a voz da profundidade sempre a chama para o lugar a que pertence, para a responsabilidade de sua atividade e convicção de seus efeitos.” (STEIN, 1994, p. 47).

O caminho proposto por Edith Stein, nos leva ao transcendental. Em Deus se encontra o fundamento e os horizontes para a significação da existência humana. Em seu pensamento mescla a filosofia “cristã” e a filosofia existencial, para tecer o seu pensamento e reflexão em questão ao ser.

A trajetória feita pela autora tem seu ponto máximo quando a fé se torna fonte do conhecimento. A íntima ligação entre Fé e Razão, faz com que não haja barreiras para o pensar humano, O conhecimento para se chegar à verdade da vida, da existência do ser, a existência de Deus é proporcionado pela via da fé.

Percebemos que a busca pelo sentido do ser constitui um questionamento filosófico a cerca do propósito e do significado da existência humana. Sabemos que há uma quantidade inumerável de possíveis respostas para a busca de sentido frequentemente relacionadas a convicções religiosas ou filosóficas. Opiniões sobre o sentido da vida podem por si próprias se distinguir de pessoas para pessoa, bem como também podem variar no decorrer da vida de cada ser humano. Mas a grande questão é qual desses pensamentos possui um pensamento lógico e plausível? O pensamento de Edith Stein é inovador, pois sua linha promove a filosofia como modo de vida. A verdade é conquista da razão em parceria com a fé, apresentando uma filosofia “cristã”, como uma proposta descrita pela própria autora em sua obra¹⁶ (STEIN, 1996, p. 30), com argumentos e fundamentações para demonstrar a íntima ligação entre o ser finito que busca encontrar com o Ser Eterno, devido à resposta tão sonhada pelo ser, que se pergunta a todo o momento sobre o sentido de sua existência.

Assim, o ser é visto pela razão, mas interpretado pela fé, como manifestação de um ser criador, infinito, eterno – DEUS. O encontro se faz necessidade e meta a ser alcançada para o Ser Finito chegar ao sentido de sua vida com o Ser eterno. De forma analógica podemos concluir com a parábola do pai misericordioso em que devemos nos alegrar, pois o ser: “voltou à vida, estava perdido e foi achado”. (Luc 15,32).

¹⁶ “sentido y possibilidade de uma filosofia Cristiana”.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, Jéferson Luis. **Edith Stein**: concepções de ser finito e ser eterno, significados e manifestações. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.../2802> >. Acesso em: 06 nov. 2012.
- BELLO, Ângela Alves. **A fenomenologia do ser humano**: traços de uma filosofia no feminino. São Paulo: Edusc, 2000. (Filosofia e política).
- CATECISMO da igreja católica. São Paulo: Loyola, 1999.
- ESPÍRITU SANTO, Teresa Renata. **Edith Stein**: una gran mujer de nuestro siglo. Burgos: Editora Monte Carmelo, 1998.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca do sentido do ser**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, Vozes, 1991.
- _____. **Sede de sentido**. São Paulo: Quadrante, 1989. (Temas Cristãos, 39).
- GARCIA, Jacinta Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. 2. ed. São Paulo: Loyola. 1999.
- GARCIA, Jacinta Turolo; SCIADINI, Patrício. **Edith Stein**: holocausto para seu povo. São Paulo: Loyola, 1987.
- JOSAPHAT, Carlos. **As Santas Doutoradas**: espiritualidade e emancipação da mulher. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- KIERKEGAARD, Soren A. **O conceito de angústia**. Tradução Eduardo Nunes Fonseca e Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus. 2007.
- NEYER, María Amata. **Edith Stein**: su vida en documentos e imágenes. Traducción Teófanos Egidio. Madrid: Editorial de Espiritualidade, 1987.
- RASSAM, Joseph. **Tomás de Aquino**. Lisboa: Edições 70, 1988. (Biblioteca básica de filosofia, 8).
- SANCHO FERMÍN, Francisco Javier et al. **Edith Stein**: obras selectas. 2. ed. Burgos: Monte Carmelo, 1998.
- SCIADINI, Patrício. **Edith Stein**: perder para ganhar. 3. ed. Fortaleza: Edições Shalom, 2003.
- STEIN, Edith. **A ciência da cruz**: estudo sobre São João da Cruz. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. **Edith Stein**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **O mistério do natal.** São Paulo: EDUSC, 1999. (Essência).

_____. **Ser finito y ser eterno:** ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. **Na força da cruz.** 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

TROTIGNON, Pierre. **Heidegger.** Lisboa: Edições 70. 1965. (Biblioteca básica de filosofia, 21).